

R E S E N H A

UMA AULA SOBRE... A AULA!

A CLASS ON... THE CLASS!

UN COURS SUR... LE COURS!

UNA AULA SOBRE... LA AULA!

Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.).

Campinas: Papirus, 2008. 304 p. ISBN: 85-308-0859-4.

Responsável pela resenha: Sérgio Eduardo Montes Castanho *

Em boa hora a incansável Ilma Passos Alencastro Veiga resolveu organizar este livro que tem por tema a aula em seus fundamentos e na sua realização histórica. Segundo a organizadora, na sua “Apresentação” (p. 7-12), a obra foi construída a partir dos resultados parciais da pesquisa que vem empreendendo sobre “O papel da didática na formação do professor da educação básica e superior”. Tais resultados forneceram os “eixos estruturantes” do livro. Para responder por eles, Veiga reuniu uma equipe de especialistas em didática, entre mestres e doutores, que escreveram os capítulos desta verdadeira aula sobre... a aula!

Um desses fundamentos, explicitado na “Apresentação”, perpassa todo o livro e responde pela sua unidade, não obstante a pluralidade teórico-metodológica dos autores. Trata-se da concepção de que a “aula é um projeto de construção colaborativa entre professor e alunos” (p. 8).

Esses eixos são quatro: a gênese da aula, suas dimensões, seus princípios fundantes e suas práticas. Não vejo como poderia ser melhor a disposição do quadro geral, que abrange desde a construção histórica da aula até sua prática cotidiana, passando por sua estrutura e fundamentação. Logicamente perfeita e didaticamente impecável – o que não é pouco para um trabalho que gira em torno da didática.

* Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 1993). Ex-secretário de Cultura de Campinas. Professor e pesquisador de História da Educação da Unicamp (castanho@dglnet.com.br).

No eixo genético, o capítulo de Edileuza Fernandes da Silva é uma excelente contribuição para a história da didática. Localizando a aula no espaço da sala de aula, a autora a vê como uma construção moderna (pós-medieval) na trilha de David Hamilton. E depois segue seu rastro no Brasil, desde a aula jesuítica do *Ratio Studiorum* até a construção tendencialmente colaborativa da contemporaneidade, passando pelas “aulas régias” pombalinas, pelo ensino individual, mútuo e simultâneo, pelas “lições de coisas” que consubstanciaram o chamado método intuitivo, pela didática ativista do escolanovismo, pelos desvios tecnicistas, pela reação crítico-emancipatória e, enfim, pela problematização da aula nos dias correntes, marcados por mudanças históricas significativas.

O segundo eixo sobre as dimensões da aula abre com um texto elegante e erudito de José Carlos Araújo, em que a ênfase é posta na concepção desse fenômeno como uma interlocução de sujeitos, um empreendimento comunicativo, transitando entre a *tecnia* – ou a ordem do saber fazer, e a *polis* – ou a ordem do saber para quê. Imperdível.

Na seqüência, Terezinha Azerêdo Rios enfrenta um de seus temas prediletos: a dimensão ética da aula. Não me alongarei sobre seu texto instigante. Apenas farei dele uma citação, que penso resumir o pensamento que o informa: “... *uma aula não é algo que se dá, mas algo que se faz*, ou melhor, que professores e alunos fazem juntos” (p. 75).

Fechando esse segundo eixo, Verussi Melo de Amorim e Maria Eugênia Castanho tratam da dimensão estética da aula. Também aqui me valerei de uma citação, não das autoras, mas de Loponte, que para elas concedeu entrevista: “A arte educa para a ampliação da compreensão do mundo, bem além da compreensão racional que ainda predomina no modo ocidental de conhecer no qual fomos educados” (p. 107).

Abrindo o terceiro eixo, Albertina Mitjás Martínez enfoca a criatividade como princípio funcional da aula. Adentrando o núcleo da criatividade, Martínez fornece um espectro definido desse fenômeno. Mas, realista, não deixa de advertir o leitor: “Levando em conta a gênese e a história da escola como instituição, assim como a realidade da nossa sociedade e do sistema educativo que produz, considero que a criatividade como um princípio funcional da aula se constitui *mais como um projeto orientador de aspirações e de ações do que como uma realidade facilmente atingível*” (p. 119, grifo meu).

Segue-se o capítulo de Cleoni Maria Barboza Fernandes, que aborda o diálogo como princípio da aula. Baseando-se fortemente na antropologia de Clifford Geertz e na pedagogia de Paulo Freire, Fernandes explora a “teia de relações” do processo educativo, à Geertz, e o diálogo à Freire como a alma do processo comunicativo que é a aula.

Inaugurando o eixo das “Práticas”, o capítulo seguinte foi escrito a quatro mãos por Joana Paulin Romanovski e Pura Lúcia Oliver Martins e tem por título: “A aula como expressão da prática pedagógica”. O artigo tem uma arquitetura interessante. Ele parte dos “relatos indiciários” de dez “aulas de nosso tempo”, passa pela explicitação do

enfoque teórico que o sustenta e chega à análise das situações pedagógicas descritas. As autoras explicitam seu ponto-de-vista: “Entendemos que as relações sociais básicas do modo de produção em diferentes momentos históricos se manifestam no interior da instituição escolar, incidindo sobre as formas e práticas de relação professor-aluno-conhecimento na aula” (p. 173).

Extremamente atual é o capítulo a cargo de Elsa Guimarães Oliveira, intitulado: “Aula virtual e presencial: são rivais?”. A autora defende a tese de que não há (ou não deve haver) rivalidade entre elas. Aponta também uma das tendências mais fortes no panorama educacional mundial que é a do chamado “ensino híbrido”, que busca “combinar cursos/disciplinas presenciais com virtuais” (p. 217-218), configurando o *b-learning* (*blended-learning*).

Fica no ar uma pergunta: a aula só acontece na chamada sala de aula? A resposta vem do capítulo assinado por Odiva Silva Xavier e Rosana César de Arruda Fernandes, “A aula em espaços não convencionais”. Após um bem articulado intróito histórico sobre o espaço da aula, as autoras analisam o fenômeno em lugares diferentes: a construção civil, o grupo escoteiro e a classe hospitalar. Uma de suas conclusões: a aula independe da sala.

O livro fecha com o capítulo escrito por sua organizadora, Ilma Passos Alencastro Veiga, “Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata”. A síntese do artigo é feita pela própria autora:

Considero que um projeto de organização didática da aula significativa, que ultrapasse a concepção mecanicista de planejamento de ensino, é resultante de um processo integrador entre a instituição educativa e o contexto social, efetivado de forma colaborativa pelos professores e seus alunos. A aula, lugar privilegiado da vida pedagógica, refere-se às dimensões do processo didático – ensinar, aprender, pesquisar e avaliar –, preparado e organizado pelo professor e seus alunos (p. 267).

No transcorrer do artigo, Veiga detalha sua concepção de “projeto colaborativo” e apresenta os elementos estruturantes da organização didática da aula, concluindo que esta se caracteriza superiormente pela “convivência colaborativa de professor e alunos que problematizam, discutem, analisam, decidem, executam e avaliam as atividades propostas coletivamente”.

Finalizando, posso dizer que este livro, considerado nas linhas iniciais como uma “aula sobre a aula”, é realmente uma aula, mas não uma aula qualquer, e sim uma aula criativa e inovadora, colaborativa e ética, dialógica e bela. Uma aula de que professores e alunos de todo o país não podem deixar de participar.